

Noeli Marangoni *

Sou de uma geração na qual as meninas, eu inclusive, brincavam de bonecas, de casinha. Não eram as casinhas existentes hoje, como aquelas lindas da Barbie; o nosso lar de faz de conta ficava sob uma linda parreira, que tinha o formato exato de uma casinha. Para quem não conhece, a parreira necessita de uma sustentação, como uma planta trepadeira, e meu pai montava a sua estrutura de forma que nós, eu e minha amigas, enxergássemos a parreira como uma verdadeira casa.



Fazíamos as “paredes” divisórias dos cômodos da casa com tijolos, distribuídos apenas no chão, é claro; o restante das paredes ficava por conta de nossa imaginação e era tão respeitado que, para entrar em qualquer um dos ambientes, apesar de podermos pular por cima dos tijolos, sempre usávamos a porta imaginária.

Os brinquedos, as panelinhas, também não eram como as de hoje; sei que até já existiam naquela época, mas eram caríssimas e, é claro, meus pais tinham outras prioridades. Então, vidrinhos de embalagens vazios viravam xícaras, tampinhas de latas eram os pratinhos, pedaços de varetinhas eram os talheres, o medidor do leite em pó era panelinha. Ah, esta era perfeita, de alumínio com um cabinho; era uma verdadeira panelinha, igualzinha àquela de verdade, que as mães usavam.

Ali, praticamente todos os dias, o faz-de-conta corria solto, recebendo as visitas para um cafezinho, um almoço e, paralelamente a isso, atendendo as nossas filhinhas. Sim, tínhamos as filhinhas porque, no sexo feminino, é assim; desde cedo, o instinto maternal está presente. Nossas bonecas, nós fazíamos de espiga de milho ainda em formação: retirávamos a casca, desenhávamos os

olhos, nariz e boca; o cabelo era lindo, alvo e macio, e já vinha pronto. Fazíamos de conta que éramos mães e falávamos sobre nossas filhinhas, discutíamos sua saúde, sua alimentação, sua educação...

Creio eu que esta é uma das diferenças mais significativas entre homens e mulheres; desde a primeira infância, nós já falamos de relacionamentos, sentimentos e família. Os meninos brincavam de carrinhos rolimã, de empinar pipa. Isso nos faz ter uma história de vida já rodeada de emoções.

Depois, de uma hora para outra, já virávamos mocinhas, quase adultas; a adolescência existia, sim, mas pouco se falava sobre ela. De mocinhas a moças casadas era muito rápido, e já nos transformávamos em mães. Então, nossas bonequinhas tornavam-se de verdade e já não faziam tudo conforme quando éramos crianças. Naquela época, elas comiam quando queríamos; se colocávamos para dormir, elas dormiam; quando resolvíamos brincar de outra coisa, simplesmente as largávamos ali e íamos.

Entretanto, não é só a função de mãe que faz parte de nossa história; temos a função de dona-de-casa, de mulher, de esposa, de profissional.

Eis a diferença, podemos mudar a “ brincadeira” e mudar algumas coisas, trocar de profissão, até deixar de ser esposa, deixar de ser dona-de-casa... Porém, deixar de ser mãe, jamais; **uma vez mãe, sempre mãe**. Nessa função, não existe a aplicação do prefixo “ex”, uma vez que decidimos (ou somos escolhidas) pela maternidade, temos que estar conscientes de que é para sempre.

Nas Trilhas da Vida das mulheres, parece-me que, desde muito cedo, está marcado que exerceremos a função – trabalhosa, complexa, mas extremamente **linda e fascinante – de ser mãe**.

* Pedagoga com especialização em Psicopedagogia, Programação Neurolinguística e Gestão Escolar.